



## Dr. Alexandre Padilha

- Ministro de Estado da Saúde do Brasil desde janeiro de 2011
- Presidente do Conselho Nacional de Saúde
- Foi ministro de Estado chefe da Secretaria de Relações Institucionais da Presidência da República de setembro de 2009 a dezembro de 2011
- Formado em Medicina pela Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp)
- Pós-graduado em Doenças Infecciosas e Parasitárias pela Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FM-USP)

### Entrevistadores

Maria Aparecida Ferrari  
Arquimedes Pessoni

### Foto

Report Images

<http://www.google.com/search?hl=en&q=Ministro+Padilha%2C+fotos>

Saúde, comunicação, humanização

Health, communication, humanization

Salud, comunicación, humanización

### Entrevista

Alexandre Padilha

**C**omunicação, saúde e humanização foi o foco de nossa entrevista com o ministro da Saúde, Dr. Alexandre Padilha, que, em meio a seus tantos compromissos oficiais, nos atendeu prontamente. Com base nos fatos de que a situação da saúde brasileira não é segredo para ninguém e de que são inúmeras as demandas nos serviços oferecidos a uma população de quase 200 milhões de habitantes, ele esclareceu como funciona o Sistema Único de Saúde e como as campanhas e outras iniciativas da área têm sido gerenciadas por ele e sua equipe. Nas respostas do ministro às nossas perguntas, ficou claro que, na relação médico-paciente a comunicação, o acolhimento, a humanização são elementos vitais para o êxito de qualquer tratamento de saúde. A qualificação técnica e profissional do Dr. Alexandre Padilha, evidenciada em seus comentários, o credenciam plenamente como gestor de um dos mais importantes ministérios do governo, representado pela pasta da Saúde.

•••••

**Organicom** – *No nosso dossiê sobre Comunicação e Saúde recebemos vários artigos que tratam de pesquisas realizadas sobre o combate à dengue. Podemos dizer que a dengue já está erradicada?*

**Ministro Padilha** – A dengue não está erradicada no Brasil. Mas, as medidas de combate à doença adotadas pelo Ministério da Saúde demonstram que o Programa Nacional de Controle da Dengue (PNCD) está no caminho certo. Entre 1º de janeiro e 9 de junho deste ano, foram registrados 2.071 casos graves, contra 9.766 no mesmo período do ano passado. Em relação aos casos gerais, a redução foi de 51%. Os casos registrados passaram de 649.922, em 2011, para 431.194, neste ano. Em relação aos óbitos, a queda apresentada foi de 70%.

A queda nos óbitos e nos casos graves se deve, principalmente, à organização da rede pública de saúde em todo o país, à ampliação no fluxo de atendimento e, sobretudo, ao diagnóstico precoce. Também se destaca como contribuição para essa redução, o esforço dos profissionais de saúde e o controle da vigilância pelas equipes de saúde pública, além da participação da população no combate à doença, com a adoção de medidas para reduzir os focos da doença nas residências.

**A dengue não está erradicada no Brasil. Mas, as medidas de combate à doença demonstram que o Programa Nacional de Controle da Dengue está no caminho certo**



## Consideramos as ações de promoção da saúde estratégicas para a prevenção de doenças crônicas e a melhoria da qualidade de vida do cidadão brasileiro

O Ministério da Saúde, no início deste ano, efetuou o repasse de R\$ 92,8 milhões para 1.159 municípios selecionados pela Portaria 2577 exclusivamente para qualificação das atividades de prevenção e controle da dengue. Os recursos correspondem a um acréscimo de 20% do Piso Fixo de Vigilância e Promoção à Saúde, repassado rotineiramente para estados e municípios, e beneficiaram mais de 100 milhões de pessoas.

O valor repassado teve como destino ações que qualifiquem as atividades de prevenção e controle da dengue, como garantir o número adequado de agentes para as visitas domiciliares, visitar pelo menos quatro vezes os domicílios do município, efetuar a vigilância entomológica e epidemiológica, realizar o LIRAa (Levantamento de Infestação do *Aedes aegypti*) pelo menos três vezes por ano ao ano (janeiro, março e outubro), notificar imediatamente os óbitos por dengue, garantir atenção ao paciente com insumos e capacitar os profissionais de saúde.

Ainda entre as ações promovidas pelo Ministério da Saúde estão a aquisição de 2,5 toneladas de larvicidas e 350 mil litros de inseticidas para distribuição aos estados e municípios, bem como a compra de 12.717 kits diagnósticos, suficientes para processar mais de 1 milhão de amostras. Também intensificamos a campanha de mídia e disponibilizamos para as secretarias estaduais de saúde o registro de preços para aquisição de insumos em apoio a situações de epidemia, como medicamentos, solventes para inseticidas e equipamentos de nebulização.

**Organicom** – *A edição anterior de nossa revista tratou do tema Comunicação e Esporte. Muitos dizem que o investimento no esporte é um grande agente de prevenção e diminuição de doenças. O senhor acredita nisso?*

**Ministro Padilha** – Consideramos as ações de promoção da saúde estratégicas para a prevenção de doenças crônicas e a melhoria da qualidade de vida do cidadão brasileiro. O Programa Academia da Saúde é o carro-chefe para induzir o aumento da prática da atividade física na população. As academias são importantes no combate às doenças crônicas não-transmissíveis, responsáveis por 72% das mortes no país. A prática de exercícios ajuda a prevenir e controlar doenças como hipertensão e diabetes e seus fatores de riscos como a obesidade e o sedentarismo.



Previsto no Plano de Ações Estratégicas das Doenças Crônicas não Transmissíveis (DCNT), lançado ano passado, o programa prevê a implantação de polos com equipamentos e profissionais para orientação de práticas corporais, atividades físicas e lazer. A meta é construir 4 mil polos até 2014.

O Ministério da Saúde tem investido em promoção de hábitos saudáveis e firmado parcerias com o setor privado e com outras pastas do governo. Para diminuir o consumo de sódio entre a população, firmamos acordo com a indústria alimentícia que prevê a diminuição gradual do uso do sódio em dezesseis categorias de alimentos. O pão francês, as massas instantâneas e a maionese são alguns dos alimentos que vão sofrer redução do sal.

Realizamos uma série de ações relacionadas aos hábitos saudáveis para crianças e adolescentes. Um deles foi a assinatura de acordo entre o Ministério da Saúde e a Federação Nacional das Escolas Particulares (Fenep) para implementar alimentos mais saudáveis em suas cantinas, com menos sódio, açúcar e gordura. Também promovemos a Semana de Mobilização Saúde na Escola, que envolveu 22 mil escolas públicas em 1.938 municípios que aderiram à iniciativa. Essa mobilização acontecerá todos os anos e faz parte das ações do Programa Saúde na Escola (PSE), desenvolvido pelos ministérios da Saúde e da Educação e integrado ao Programa Brasil Sem Miséria.

**Organicom** – *Qual é a sua postura diante das campanhas de saúde desenvolvidas pelo setor de comunicação de seu ministério? O senhor costuma opinar sobre elas?*

**Ministro Padilha** – Costumo acompanhar as ações que envolvem o Ministério da Saúde. A agenda começa às 9h, com o *briefing* diário com equipe do Gabinete. Em seguida, são realizadas reuniões para avaliar as Redes Prioritárias, como, por exemplo, Melhor em Casa, SOS Emergências, Cartão SUS, entre outros programas. A partir daí, a agenda é reservada para atendimento de parlamentares, imprensa e demais audiências. Além disso, uma vez por semana, temos reunião ampliada, com a coordenação de comunicação-imprensa e publicidade, na qual avaliamos as propostas de campanha e o planejamento da semana.

O Ministério da Saúde tem investido em promoção de hábitos saudáveis e firmado parcerias com o setor privado e com outras pastas do governo



## Temos atuado na regionalização não só de nossas campanhas, mas também de nossos releases e de nossa inserção nos meios de comunicação

**Organicom** – *Temos acompanhado pelos noticiários que a população carente segue sofrendo com a falta de estrutura dos hospitais públicos. Como comunicar à população o trabalho que o Ministério da Saúde está fazendo para minimizar essa questão? Existe alguma “fórmula mágica” para os profissionais da saúde se comunicarem com a população?*

**Ministro Padilha** – Creio que temos duas questões. Uma é a comunicação do ministério com o usuário e a outra, a comunicação dos profissionais com o usuário. São duas estratégias diferentes. Na primeira temos um planejamento de mídia formal, baseado nas análises do nosso objeto de comunicação e dos nossos interlocutores, focados na publicidade e na assessoria de imprensa. Nesse sentido temos atuado, especialmente, na regionalização não só de nossas campanhas, mas também de nossos *releases* e de nossa inserção nos meios de comunicação, focando as informações nos dados e na realidade local, marcando entrevistas em rádios e jornais regionalizados. A publicidade também segue a mesma estratégia. Temos investido nas redes sociais e esse é o diferencial. Um espaço relativamente novo e o Ministério da Saúde tem uma ação concreta e articulada, tanto que nosso *blog* está relacionado entre os mais influentes na área no país. Outra estratégia importante refere-se às inovações que fizemos em nossa ouvidoria, deixando-a mais proativa. Exemplo disso é a Carta SUS, enviada a cada cidadão internado na rede pública. Por meio dela identificamos situações de cobrança indevidas, fraudes em internações e a avaliação da satisfação do usuário com o atendimento no hospital.

A comunicação dos profissionais com o usuário depende de outro tipo de iniciativa, como capacitação e programas que incentivem a humanização e a qualidade no atendimento, uma das nossas grandes metas. Na Atenção Básica temos um programa de qualificação que premia quem melhor atende na área hospitalar e temos o SOS Emergência, que, entre outras ações, propõe a criação do acolhimento com classificação de risco já na chegada do paciente no hospital.

Além disso, estamos a cada dia buscando programas e ações estratégicas para aumentar o acesso e qualificar o serviço. Um bom exemplo é nosso projeto de implantar uma sucursal do Canal Saúde em Brasília, melhorando a programação, aumentando sua capilaridade e disponibilizando o sinal em todas as salas de espera do Brasil.

**Organicom** – *O senhor acredita que o modo de comunicação entre o profissional da saúde e os pacientes seja um diferencial nos processos de tratamento? Além das regras determinadas pela legislação, como informar didaticamente sobre o tratamento, a medicação etc. O senhor acredita que a comunicação mais humanizada contribua para a melhoria do estado geral de saúde de um paciente?*

**Ministro Padilha** – No tratamento de saúde a comunicação, o acolhimento, a humanização são compreendidas como partes integrantes. Acreditamos e perseguimos isso: um cuidado mais humanizado, mais carinhoso. Incentivamos em nossas capacitações, que ocorrem frequentemente nas mais diversas áreas do Ministério da Saúde, que os profissionais escutem e acolham os pacientes e seus problemas, porque isso pode ser crucial na sua cura e na devolução de sua autonomia.

**Organicom** – *Qual é a sua opinião sobre a bula como meio de comunicação para os pacientes? Dizem que quem ler uma bula não toma o medicamento. Talvez sequer a entenda. Haveria outro caminho?*

**Ministro Padilha** – O olhar sobre a embalagem e a bula, como uma forma de comunicação com o paciente e não apenas como uma formalidade que a indústria precisa seguir, é novo. A Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) tem feito a sua parte em estar sempre buscando formas novas de comunicar melhor por meio dessa ferramenta, facilitando a linguagem para que possa ser entendida pelo usuário, mas podemos melhorar. Conheço pessoas leigas que não tomam medicação sem ler a bula. Claro que focam alguns aspectos como dosagem, contraindicação e reações adversas, mas se a linguagem ficar mais fácil pode-se ter acesso a outras informações importantes. O remédio genérico facilitou isso, pois deixamos de trabalhar com o nome diferente dado por cada laboratório, para trabalharmos com a substância, o que facilita conhecer melhor o medicamento indicado ao paciente.

A comunicação, o acolhimento, a humanização são compreendidas como partes integrantes. Perseguiamos isso: um cuidado mais humanizado, mais carinhoso



## O Ministério da Saúde vê as redes sociais como uma forma de opinar, de conversar, de ouvir o usuário, de garantir o diálogo com a sociedade e sua ampla participação

**Organicom** – *Qual é a sua opinião sobre a chegada das redes sociais? O senhor acredita que o uso delas ajude o paciente na busca de informação sobre remédios ou doenças? Ou o fácil acesso à informação pode ser um risco para automedicação e autodiagnóstico?*

**Ministro Padilha** – As redes sociais são fundamentais para garantir a participação das pessoas. O Ministério da Saúde vê as redes sociais como uma forma de opinar, de conversar, de ouvir o usuário, de garantir o diálogo com a sociedade e sua ampla participação. Por exemplo, quando ele divulga informações nas redes sociais, trata-se de ações de saúde pública que auxiliam na melhoria da qualidade de vida do cidadão, seja para a promoção da saúde, a prevenção de doenças ou a adesão da população às mobilizações de campanhas. Por isso, as redes sociais do ministério agem nesse sentido, de qualificar o SUS por meio do diálogo, acolhendo demandas. Estou convencido de que isso facilita o processo para a população separar o joio do trigo ou, melhor, o que é *fake* do que é real.

**Organicom** – *O Ibope acabou de apresentar dados recentes que informam que 81% da população brasileira são internautas. Como esses dados interferem no trabalho do Ministério da Saúde? E o ministério atua nessa frente, fala diretamente com essa população?*

**Ministro Padilha** – Investimos em ferramentas nesse sentido e buscamos aprimorá-las, porque acreditamos no intuito da internet, de ser aberta e democrática, de falar com a população sem intermediação de terceiros. Por isso, desde 2011, tornamos mais amigáveis o leiaute e a busca do Portal da Saúde ([saude.gov.br](http://saude.gov.br)), que é portal repleto de informações sobre saúde. Temos uma Web Rádio Saúde ([webradio.saude.gov.br](http://webradio.saude.gov.br)), que funciona na internet durante o dia inteiro. E existe o ComunicaSUS ([comunicasus.com.br](http://comunicasus.com.br)), uma rede social exclusiva para os assessores de comunicação do SUS em todo o país. Criamos o Blog da Saúde, que, segundo levantamentos recentes, já está entre os cem *blogs* mais influentes do Brasil. Além disso, estamos maciçamente presentes nas mídias sociais que o brasileiro mais acessa, como YouTube, o Twitter e o Facebook, postando conteúdos e interagindo diariamente



**Organicom** – *O senhor acredita que a comunicação entre médicos, governantes e pacientes vai mudar com a chegada das redes sociais?*

**Ministro Padilha** – Entre população e governo já mudou. Você tem manifestações populares engajadas à base de redes sociais, ou seja, muita vontade de realizar algo, de fazer uma mudança. Como eu disse, se alguém demanda algo de saúde no meu perfil ou nos perfis do Ministério da Saúde nas mídias sociais, isso é encaminhado para apuração. Com a rede social o que ocorre? Quebra-se a cadeia em que havia algum intermediário entre população e governo. Sobre a comunicação entre médicos e pacientes, ainda acredito no contato olho no olho, em atender bem, de forma humanizada, o paciente e ele sair da consulta satisfeito. É também para isso que temos trabalhado todos os dias.

Acreditamos no intuito da internet, de ser aberta e democrática, de falar com a população sem intermediação de terceiros

